

1915: A SECA E O SERTÃO SOB O OLHAR DE RAQUEL DE QUEIROZ

Kárita de Fátima Araújo

Aluna do curso de graduação em Geografia – UFU

kaat_araujo@hotmail.com

Profa. Dra. Rita de Cássia Martins de Souza Anselmo

Prof. Adj. - Instituto de Geografia – UFU

ritacmsou@ig.ufu.br

Resumo:

O propósito maior deste trabalho é o de resgatar o contexto da formação territorial brasileira a partir da literatura, assumindo que esta desempenha junto a todas as sociedades humanas cultas um papel essencial no sentido de construir seus valores mais sublimes. No que diz respeito à Geografia cabe destacar o seu papel central na construção ou elaboração do pensamento geográfico, sendo ele mesmo um conjunto discursivo que manifesta as escolhas feitas pela sociedade em um dado tempo e em um dado espaço. A partir da obra “O Quinze” de Raquel de Queiróz, busca-se encontrar as pontes que ligam o nordeste ao conjunto da sociedade brasileira e lhe dão o sentido assumido numa dada época, mais especificamente a década de trinta do século XX, no Brasil. Resgatar da literatura essas concepções que vão substantivando o espaço é de fato um desafio que exige a compreensão do discurso enquanto fenômeno mediado a partir do real e assim é fundamental apreender a tensão presente no contexto específico em que a obra foi elaborada.

Palavras-Chave: Geografia, Literatura, Formação territorial brasileira, “O Quinze” de Raquel de Queiroz

Resgatar o contexto da formação territorial brasileira a partir da literatura é o grande desafio deste trabalho: a partir de um recorte territorial, o nordeste, encontrar as pontes que o ligam ao conjunto da sociedade brasileira e lhe dão o sentido assumido numa dada época, mais especificamente a década de trinta do século XX, no Brasil.

Período de grandes transformações, 1930 é mesmo considerado por Francisco de Oliveira, como o marco principal de uma escolha das elites brasileiras que colocará o país entre as nações industrializadas e urbanizadas do mundo. As grandes conturbações vividas naqueles anos não se limitaram ao centro sul, palco dos maiores investimentos capitalistas desde então. Ao mesmo tempo, no contexto do desenvolvimento desigual e combinado do sistema, a região nordeste passará a ocupar mais e mais, no imaginário da nação o lugar da “região problema” do Brasil.

A urbanização acelerada das metrópoles teve entre seus principais componentes os nordestinos migrantes. A massa de mão de obra foi deslocada de suas origens não por um movimento espontâneo, mas, pelo contrário, expulsa da terra onde a estrutura fundiária implicava e implica a vitória dos grandes proprietários. Sob o estigma da seca, os imigrantes vão se deslocando pelo sol escaldante, fugindo das áreas em que não há mais trabalho, nem possibilidade de produzir. A pobreza material engendrada na

estrutura produtiva os expulsa como se a seca fosse realmente a grande causadora de todos os males. Aos pobres resta a fuga para “o Amazonas” ou para “o São Paulo”, aos ricos locais, uma temporada no litoral à espera da volta do “inverno”.

Grandes autores já manifestaram sua preocupação com a temática que envolve a seca em suas obras. Graciliano Ramos em “Vidas Secas”, por exemplo, apresenta muito bem a realidade de moradores do sertão nordestino e o sacrifício em busca da sobrevivência. José Américo de Almeida também marcou época com a narrativa “A Bagaceira”. A literatura brasileira certamente possui grandes obras com esta clássica temática que não deixa de ser atual. Rachel de Queiroz é outra importante representante desta vasta gama de autores que se utilizam da seca para nortear suas histórias.

“O Quinze” de Raquel de Queiroz foi escrito em 1930 e parece dialogar mais com os leitores do centro dinâmico da economia nacional que com os locais. A sensibilização para a “causa” nordestina marca a obra e faz dela ainda hoje um clássico da literatura. Num certo sentido, procura-se aqui, compreender a construção do imaginário do nordeste pela sociedade brasileira. Num regionalismo marcado pelo modernismo, compreender o esforço no sentido contrário empreendido por Raquel de Queiroz, mostrando a essência do homem nordestino, expulso de seu lugar em busca de alguma condição de sobrevivência.

“O Quinze”: breve introdução

Com o livro “O Quinze” Rachel de Queiroz explorou o significado da seca na vida do povo nordestino, a autora soube amarrar os efeitos deste fenômeno climático à vida de seus personagens ao longo da trama conseguindo desta forma, mostrar ao leitor quão significativo e relevante é este fenômeno, aliado ao descaso governamental ao lidar com a população habitante desta região. Trata-se de um romance que deu a autora grande prestígio como escritora ainda em sua juventude, já que em 1930 quando o livro foi publicado, Rachel ainda estava no auge de seus 20 anos de idade.

Em princípio a obra foi desprezada, mas pouco tempo depois causou grande alvoroço entre os intelectuais da época, afinal, não era de se esperar que uma ficção com temática regionalista e caráter reivindicatório que apontava os problemas do sertão através de um romance, fosse escrito por uma mulher com tão pouca idade.

O Quinze foi publicado em agosto de 1930. Não fez grande sucesso quando saiu em Fortaleza. Escreveram até um artigo falando que o livro

era impresso em papel inferior e não dizia nada de novo. Outro sujeito escreveu afirmando que o livro não era meu, mas de meu ilustre pai, Daniel de Queiroz. E isso tudo me deixava meio ressabiada. Morava então no Ceará o jornalista carioca Renato Viana, que me deu os endereços das pessoas no Rio de Janeiro, uma lista de jornalistas e críticos para os quais eu deveria mandar o livrinho. O mestre Antônio Sales, que adorou o livro, também me deu outra lista. Então, me chegou uma carta do meu amigo Hyder Corrêa Lima, que morava no Rio, convivia com Nazareth Prado e a roda de Graça Aranha. Hyder mostrava na carta o maior alvoroço e contava o entusiasmo de Graça Aranha por O Quinze. Depois veio uma carta autografada do próprio Graça, realmente muito entusiasmado. Em seguida começaram a chegar críticas, de Augusto Frederico Schmidt (no “Novidades Literárias”), do escritor Artur Mota, em São Paulo; foram pipocando notas e artigos, tudo muito animador. No Ceará, não. Não me lembro de nenhuma repercussão. Depois, quando a coisa virou, é que o livro começou a pegar por lá. (QUEIROZ, 1998, p. 31)

Contudo, Rachel possuía certa experiência conquistada ao longo do curto período de sua vida. Aos 18 anos (1928), ela já fora convidada para ser colaboradora de um jornal da época chamado “O Povo” e, além disso, a leitura de clássicos já fazia parte de sua juventude. Influenciada pela mãe, Rachel leu Max Nordau, Barbusse, Dostoievski, Gorki, Tolstoi dentre outros, familiarizando-se com o socialismo da Revolução Russa e com o marxismo de maneira mais ampla.

O contato com essas leituras pode ter lhe rendido o envolvimento com o Partido Comunista e com políticos remanescentes do Bloco Operário e Camponês, esmagado pela polícia de Washington Luís.

Ao voltar para o Ceará, em 1931, após dois meses no Rio, eu levava credenciais do Partido e a missão de promover a reorganização dos destroços do Bloco Operário e Camponês e instalar em Fortaleza uma nova Região. Como em Fortaleza o grupo era muito pobre em pessoas de instrução melhor, operários, na maioria (...) fiquei como uma espécie de consultora, por causa dos meus contatos no Rio. Inscrevi-me, então, como membro do Partido. Mas era tudo muito precário, naquela estreita

clandestinidade. Não me lembro de se fazerem inscrições em livro ou mesmo em papel apropriado; nem boletins, nem ordens de serviço, nada. Ao contrário, era preciso ter o maior cuidado com papéis e até livros, porque a polícia era brutal e levava logo tudo para a cadeia. Papéis e pessoas. (QUEIROZ, 1998, p. 37)

No ano de 1932, Rachel retornou ao Rio de Janeiro com o intuito de estabelecer outros contatos e receber ordens, a fim de organizar seu trabalho em Fortaleza. Ela trouxe consigo os originais de seu segundo romance, *João Miguel*. Contudo este livro somente seria editado perante a revisão e permissão do Partido Comunista. Foi então que a autora rompeu definitivamente com o Partido, já que sua obra foi impedida de ser publicada sem que fossem realizadas algumas modificações.

O romance “O Quinze”, ganhou este título por se referir ao ano em que ocorreu a devastadora seca de 1915, considerada uma das mais terríveis já enfrentadas pelos sertanejos. A temática da seca certamente é um assunto bastante comum na vida de Rachel de Queiroz por ser nascida no Ceará no ano de 1910 e habitante de uma fazenda localizada em Quixadá, no sertão cearense. A própria família de Rachel foi obrigada a deixar o sertão em 1917, rumo ao Rio de Janeiro, movida pelos horrores da seca.

A obra “O Quinze” é dividida em dois planos principais, a relação entre Conceição e Vicente e a saga da família de Chico Bento, fugitivos dos efeitos da seca. O romance tem como cenário a região de Quixadá – CE, e em alguns momentos a cidade de Fortaleza onde mora Conceição e para onde migram os retirantes, locais estes bem conhecidos por Rachel de Queiroz. O livro faz menção também ao Norte do país, quando trata da extração da borracha e do desejo de Chico Bento de ali se estabelecer e da cidade de São Paulo, destino que toma, já no final do livro, a família de retirantes.

O livro encanta por possuir uma linguagem simples, coloquial, característica do sertanejo humilde existindo, porém, um contraste com a professora Conceição, mulher culta estudada, mas que em suas falas não perde a simplicidade e espontaneidade de suas origens. A narrativa é feita em terceira pessoa permitindo à autora desvendar cada personagem e revelar sua identidade aos poucos ao longo do livro.

A obra possui 21 personagens que se relacionam ao longo da narrativa, mas não todos entre si, pois cada plano possui personagens específicos. Como já mencionado, em um plano estão Vicente e Conceição, um casal de primos cuja relação de amor fica subentendida, nada tendo sido dito abertamente de um para o outro. Vicente é um moço bem educado, filho de latifundiário. Seu pai o Major, é um rico fazendeiro que fez

questão que seus filhos estudassem, porém, Vicente não atendeu aos desejos do pai tornando-se vaqueiro e administrador da fazenda. Já seu irmão Paulo, orgulho da família por ter se formado advogado, perdeu seu prestígio em casa, pois depois de casado e bem posicionado socialmente, esqueceu-se de sua família e de suas origens. Vicente ainda possui duas irmãs: Alice, irmã mais nova que mora na fazenda com os pais e Lourdinha, já casada com um “bom partido” e mãe de uma menina no final da trama. Os quatro são filhos do Major com Dona Idalina. Vicente apesar de ser proprietário de terras aparece no livro como um moço humilde, simples que trata bem a todos, inclusive seus funcionários que são também seus companheiros. O vaqueiro Zé Bernardo, por exemplo, trabalha na propriedade de Vicente, sendo ele e sua filha Zefinha bem tratados pelo patrão. Zefinha foi inclusive a principal razão pela qual Conceição passou a ver o primo com outros olhos, justamente por suspeitar do envolvimento dele com a funcionária de sua fazenda. Chiquinha Boa também aparece como empregada da família de Vicente, mas que deixou a fazenda na época da seca em direção a Fortaleza.

Os empregados da fazenda por possuírem uma boa relação com o patrão ajudaram-no nas dificuldades enfrentadas no período de seca. Frequentemente todos eram chamados a auxiliar Vicente com os animais fracos pela falta de alimento e água. Chiquinha Boa foi a única personagem que saiu em busca de alternativas para a situação que já se tornava insustentável, mas como esperado, ela não alcançou muito progresso na capital, tornando-se mais uma vítima da fome e da miséria.

Conceição é uma personagem forte, determinada, batalhadora com idéias consideradas muito “modernas” para a época, principalmente no que diz respeito a não se casar, contrariando os desejos de sua avó Dona Inácia, quem a criou depois da morte de sua mãe, sendo também moradora da região de Quixadá, proprietária da fazenda Logradouro. Durante a seca, Dona Inácia deixa sua fazenda para passar uma temporada na cidade de Fortaleza onde reside sua neta. Contudo, ela se mostra sempre preocupada e saudosa de sua casa em Quixadá, afinal, a seca também atingiu sua propriedade e embora ela tenha de lá saído, animais e empregados ficaram para trás.

A relação de Conceição e Vicente torna-se uma tortura para ambos, já que nenhum jamais teve coragem suficiente para revelar a paixão secreta, deixando amargurados os corações. O amor entre eles seria uma maneira de amenizar todo o sofrimento causado pela seca, mas não é o que acontece. E a seca acaba por delinear o futuro de Vicente e de Conceição, uma vez que a moça fica na cidade distante do primo apenas imaginando uma suposta “traição” com Zefinha, e acaba no final da narrativa

por adotar e criar o afilhado Duquinha, desistindo de seu sonho de se casar com Vicente. O rapaz por sua vez, fica ofendido com a frieza da prima ao encontrá-lo e passa a lutar para esquecê-la imaginando que ela jamais o teria amado. Suas irmãs tentaram aproximá-lo de uma amiga, Mariinha Garcia, mas também não obtiveram sucesso.

Em outro plano da narrativa está a família de Chico Bento, um trabalhador pobre, vaqueiro da fazenda Aroeiras de propriedade de Dona Maroca, também na região de Quixadá. A saga de Chico Bento se inicia quando a proprietária das terras, em função da seca, manda-o “soltar o gado” para morrer e ir embora, pois ali já não havia mais emprego para ele. Chico Bento possuía cinco filhos: Josias que no trajeto entre Quixadá e Fortaleza morre por comer mandioca crua; Pedro que no mesmo trajeto desaparece ao que tudo indica fugindo da vida que vinha levando; Manuel (Duquinha) o caçula que foi entregue a madrinha Conceição em Fortaleza; e, outros dois filhos que não têm seus nomes mencionados na narrativa. Chico Bento é casado com Cordulina, mulher que representa muito bem a submissão ao marido e o sofrimento de uma vida tão amarga. Ela possui uma irmã, Mocinha, que não quis acompanhar a viagem até a capital ficando pelo caminho, e tornando-se mãe solteira. A jornada desta família aparece como ponto central na narrativa, pois, a seca os afeta diretamente e é a razão pela qual todos se vêem forçados a deixar sua casa, sua vida. O caminho é longo e árduo, tanto que três filhos são “perdidos” durante o trajeto. A fome e a miséria os acompanham durante toda a viagem que foi feita no lombo de uma burra e a pé. Quando tinham o que comer, o alimento se resumia a rapadura e farinha, a seca castigou toda a família assim como fez com milhares de retirantes nordestinos naquela época. Sem dúvida, a passagem mais chocante da obra se dá quando Chico Bento desesperado ao ver os filhos chorando de fome, encontra no caminho uma cabra e relutante acaba por matá-la, até que seu dono viu a cena e amaldiçoando Chico Bento retirou o animal de suas mãos e deixou-lhe por piedade apenas as tripas.

Foi Luís Bezerra delegado de Acarape, compadre de Chico Bento e Cordulina, quem conseguiu as passagens para a família chegar a Fortaleza. Ele e sua esposa Doninha os receberam em sua casa e lhes ofereceu alimento, pois a caminhada fora exaustiva até ali. Infelizmente nada puderam fazer para encontrar Josias, o filho que se perdeu quando chegaram a Acarape.

Ao chegar a Fortaleza, Chico Bento e família dirigiram-se para o “Campo de Concentração” no qual Conceição oferecia ajuda aos retirantes. Estes locais abrigavam

as vítimas da seca, mas não possuíam estrutura alguma para fazê-lo. O governo não fornecia alimento o suficiente, nem ao menos havia abrigos para receber os retirantes.

Rachel de Queiroz consegue em sua obra trazer à tona a realidade do povo nordestino, uma realidade que infelizmente guarda na atualidade vestígios de descaso, opressão e sofrimento, por isso, “O quinze” faz-se uma obra tão atual mesmo tendo sido escrita no começo do século passado.

A seca no Nordeste a partir de “O Quinze” de Rachel de Queiroz

“O Quinze” contribuiu expressivamente para a temática das secas e foi considerado a renovação da ficção regionalista. Rachel de Queiroz soube muitíssimo bem representar os aspectos sociais da vida do sertanejo em harmonia com o psicológico de cada personagem. A seca serviu como pano de fundo para a narrativa, movendo o destino dos personagens e sendo apresentada sob diversos ângulos, conforme a posição social destes.

Do ponto de vista dos retirantes que abandonaram toda uma vida já consolidada em busca de emprego, alimento, sobrevivência, a autora destaca o Estado que pouco fez para amenizar os efeitos desastrosos do clima em sua vida. Sob o olhar dos retirantes, as medidas tomadas são ínfimas: a construção de açudes, barragens ou a criação dos “campos de concentração” que abrigavam famintos e miseráveis, fornecia algum alimento, porém nenhuma segurança ou habitação digna, e os deixava amontoados em local aberto em meio a doenças e mais miséria.

No mesmo atordoamento chegaram à estação do Matadouro. E, sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo. Só aos poucos se repuseram e se foram orientando. Cordulina acomodou-se como pôde, ao lado do cajueiro onde tinham parado. Da banda de lá, um velho deitado no chão roncava, e uma mulher de saia e camisa remexia as brasas debaixo de uma panela de barro. Cordulina foi à sua trouxa, e tirou de dentro um resto de farinha e um quarto de rapadura, última lembrança da comadre Doninha. Deitado na areia, calçado com um pano, já o Duquinha dormia. Os outros dois metiam a mão na farinha engolindo punhados. Chico Bento olhava a multidão que formigava ao

seu redor. Na escuridão da noite que se fechava, só se viam vultos confusos, ou alguma cara vermelha reluzente junto a um fogo. Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejava em gargalhadas e em gemidos, e até em cantigas. E estendendo a vista até muito longe, até os limites do Campo de Concentração, onde os fogos luziam mais espalhados, o vaqueiro sacudiu na boca uma mancheia de farinha que lhe oferecia a mulher, e procurando quebrar entre os dedos um canto de rapadura, murmurou de certo modo consolado: - 'Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho...'. (QUEIROZ, 2004, p. 92 – 93)

A seca foi relatada também a partir da realidade de proprietários de terras, que apesar de terem sofrido as conseqüências do fenômeno climático, não foram afetados tão drasticamente quanto foram os trabalhadores destas propriedades. Rachel de Queiroz utilizou-se da temática para explorar a condição humana diante da impotência do homem frente aos acontecimentos naturais intensificados pela realidade social e econômica do sertanejo pobre.

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão. Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta ...Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo. (QUEIROZ, 2004, p. 14 – 15)

O sofrimento do sertanejo pobre, trabalhador de grandes propriedades de terra, também é retratado no momento em que Chico Bento perde seu emprego na fazenda, pois com a seca já não há mais trabalho para o vaqueiro.

Foi direto a um caritó, ao canto da sala da frente, e tirou de sob uma lamparina, cuja luz enegrecera a parede com uma projeção comprida de fumaça, uma carta dobrada. E como quem vai reler uma sentença que executou, para se livrar da responsabilidade e do remorso, ele penosamente mais uma vez decifrou a letra do administrador, sobrinho de dona Maroca: ‘Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo...’. (QUEIROZ, 2004, p. 25)

No ano de 1915, quando ocorreu a grande seca que inspirou o romance de Rachel de Queiroz, o então Presidente da República Venceslau Brás Pereira Gomes que esteve neste cargo entre 1914 e 1918, foi o responsável pela reestruturação do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras contra as Secas) criado alguns anos antes, em 1909. Algumas medidas pouco solucionadoras foram implantadas por Venceslau Brás, tais como a construção de açudes e barragens que reunia a população nas chamadas “frentes de trabalho” evitando a emigração e o êxodo rural.

Uma destas “frentes de trabalho” foi mencionada em “O quinze” quando o ex – vaqueiro Chico Bento já cansado de procurar por emprego todos os dias, sem fonte de renda e alimentando toda a família graças à caridade de Conceição e de Dona Inácia, conseguiu trabalho na construção de uma barragem, indicado por Conceição.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape. No bilhete, a moça fazia o possível para comover a destinatária; e a senhora, apesar de já se ter habituado a esses pedidos que falavam sempre numa pobreza extrema e em criancinhas famintas, achou jeito de desentulhar uma pá, e ela mesma guiou o vaqueiro aturdido, com seu ferro na mão, e o entregou ao feitor. Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios. (QUEIROZ, 2004, p. 106)

A Inspeção Federal de Obras contra as Secas – IFOCS – que segundo Francisco de Oliveira em “Elegia para uma Re(li)gião” (1981), foi um primeiro esforço racionalizador que muito avançou em conhecimentos físicos sobre o Nordeste brasileiro, mas nada rendeu ao progresso no entendimento da estrutura sócio – econômica desta região.

Em substituição ao IFOCS, criou-se o DNOCS – Departamento Nacional de Obras contra as Secas – que também pouco significou na solução dos problemas enfrentados pelo povo nordestino. Segundo esse mesmo autor:

O DNOCS dedicou-se, sobretudo, à construção de barragens para represamento de água, para utilização em períodos de seca, e a construí-las nas propriedades de grandes e médios fazendeiros: não eram barragens públicas, na maioria dos casos. Serviam, sobretudo, para sustentação do gado desses fazendeiros, e apenas marginalmente para a implantação de pequenas “culturas de subsistência” de várzeas, assim chamadas as ribeiras das barragens. O investimento do DNOCS reforçava, num caso como noutro, a estrutura arcaica: expandia a pecuária dos grandes e médios fazendeiros, e contribuía para reforçar a existência do “fundo de acumulação” próprio dessa estrutura, representado pelas “culturas de subsistência” dos moradores, meeiros, parceiros e pequenos sitiantes. O caso da perfuração de poços é semelhante: mediante acordos com os grandes proprietários, o DNOCS perfurou para encontrar água, que se destinava, sobretudo à sustentação dos rebanhos. Não há, que a literatura registre, casos de poços públicos perfurados pelo DNOCS em todo o sertão nordestino, a não ser em algumas cidades, para fins de abastecimento d’água potável. (OLIVEIRA, 1981, p.54)

Portanto, ainda que o Estado, com a implantação de órgãos como o IFOCS e o DNOCS, tenha tido a intenção de reverter as conseqüências da seca na região Nordeste do país, não foi o que aconteceu afinal. Não houve transformações reais sobre o ciclo produtivo da região que são movidos pelas forças do capital, a estrutura produtiva continuou a mesma e os pequenos produtores ficam submetidos a ela.

Cabe destacar que as ações do DNOCS resultaram em bons e maus resultados, como descreveu Francisco de Oliveira. Entre os bons frutos podem ser destacados de

início os conhecimentos científicos acerca do semi-árido expressos nos estudos geológicos, botânicos, pedológicos, hidrológicos que valeram a adoção de técnicas mais adequadas para a expansão da agropecuária. Esses estudos, segundo o autor advieram do esforço de alguns poucos “iluminados” dentro desses órgãos, como José Augusto Trindade ou José Guimarães Duque, mas que aos poucos foram se tornando os “filhos enjeitados” da instituição. Oliveira (1981) ainda ressalta a construção de uma rede viária não pavimentada em toda extensão do Polígono das Secas, que, naqueles anos, antes do programas rodoviários de Juscelino, era superior em quantidade e qualidade em relação ao restante do país.

Entre os maus frutos, devem-se destacar os esforços improdutivos como as construções de barragens sobre áreas sem bacias irrigáveis como foram os casos das barragens de Curemas, na Paraíba, e do açude do Cedro, no Ceará. A agricultura de irrigação ao final de cinquenta anos de atuação do IFOCS e do DNOCS não gerou mais que 5000 hectares de área irrigada o que, segundo Oliveira (1981) é irrisório.

Estas ações raramente beneficiavam diretamente os pequenos produtores restando a estes fugir em busca de novas alternativas de sobrevivência, e contar com a sorte em busca de um novo emprego que lhes fornecesse no mínimo alimento para a família.

Esse quadro pouco conhecido fora da área envolvida com o fenômeno encontrou eco em “O Quinze”, no início dos anos de 1930. Assim como Euclides da Cunha já havia denunciado em seu “Os Sertões” um mundo desconhecido dos centros econômico e político do país à época, Raquel de Queiróz trouxe à luz a trama nordestina. A estrutura social é estampada, mas também a natureza vista não por olhos “estrangeiros”, mas pelos próprios habitantes através de seus sentimentos mais puros em relação ao lugar. Aqui o sentido de lugar expressa-se enquanto mundo vivido conforme o tem proposto uma certa Geografia cultural.

“O Quinze” coloca Chico Bento, desempregado e com uma família inteira para alimentar, frente ao desastre da seca e da impossibilidade de manter-se na terra. A autora vai aos poucos sensibilizando o leitor para a realidade do povo nordestino, à mercê da boa vontade do Estado e entregue aos caprichos dos grandes proprietários de terra e detentores do poder na região.

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar

morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... (QUEIROZ, 2004, p. 31)

A sobrevivência já tão dificultada pelos estragos causados pela seca devastadora ainda foi dificultada pela falta de recursos e pela miséria que se agravava a cada dia. Só restava ao sertanejo abandonar sua terra natal, deixando para trás sua vida construída até ali, e na maioria das vezes deixando também sua família. Todo sofrimento causado pela falta de assistência, fez da seca a grande responsável pela miséria enfrentada pelo sertanejo, enquanto o verdadeiro problema encontra-se na “cerca” (como já assinalava Celso Furtado), no poder dos grandes latifundiários, nas regalias por eles obtidas, no aprisionamento dos recursos, das decisões e não menos importante, da água.

A água é fonte de vida, um bem natural sem o qual não haveria a possibilidade de sobrevivência no planeta e o aprisionamento, ou a privatização desta riqueza natural, sujeitando seres humanos a seu uso restrito ou a sua escassez total está intimamente relacionado com as relações de poder na sociedade. No caso do Brasil, o nordeste esteve entregue ao domínio dos grandes proprietários de terra e a água foi apresada nestas propriedades, deixando famílias inteiras sem condições de plantio para sua sobrevivência. A pobreza, a miséria e a exclusão da grande maioria não ocorrem em função de problemas naturais. A água acaba se tornando fonte de poder, de riqueza e de disputa, sendo que o sertanejo pobre está sempre em desvantagem em não recebe nenhum benefício, como se o direito de usufruir da água fosse um favor cedido pelos latifundiários ou pelo Estado. Enquanto ser humano, que possui exatamente as mesmas necessidades de sobrevivência que um grande proprietário de terra ou que um representante da população no governo, o homem simples do campo deveria ter seus direitos respeitados, e o acesso à água é um desses direitos que parece ter sido esquecido em regiões como o Nordeste do país.

Rachel de Queiroz relata, em “O Quinze”, o cotidiano do povo nordestino ao lidar com o difícil período da seca. A autora consegue ir além das paixões montando o mosaico social da região nordestina em toda sua trama. Expressa a precariedade da vida do sertanejo em função da acumulação do capital e da detenção do poder por parte dos grandes proprietários de terra, privando os trabalhadores e os pequenos produtores de um mínimo de dignidade, restringindo a quase nada seu alimento, seu trabalho, sua água. Porém, a realidade dos proprietários de terra também foi bem incluída na narrativa, mostrando que também para estes a época da seca é crítica.

O Estado, com presença bem marcada na narrativa, é denunciado pelo descaso com o sertanejo a partir da insignificância de suas obras e de suas medidas para combater os efeitos da seca. O “esquecimento” vivenciado pela população humilde colocou em questão aspectos sociais, econômicos e políticos e como estes aspectos têm influência direta na vida do sertanejo. A autora não consegue nesse trabalho avançar no sentido de apontar o pacto do Estado com as oligarquias construindo as barragens em suas propriedades e definindo os destinos dos trabalhadores ou dos pequenos proprietários de terras. A situação social instável criada e agravada nos períodos de seca também não é apresentada em toda sua complexidade, no entanto, “O Quinze” foi um grito de alerta naqueles anos quando de sua publicação, casando-se com o contexto de “revolução” presente no cenário brasileiro dos anos de 1920-30.

“O Quinze” e a sensibilização da sociedade brasileira para o problema nordestino

A negação da terra aos trabalhadores por parte dos grandes proprietários é, no caso do nordeste brasileiro, freqüentemente mascarada por uma vilã que foge do controle humano, a seca. O Nordeste semi – árido que revela a caatinga como vegetação característica¹, sofre com os efeitos das longas estiagens, tornando-se um perfeito pano de fundo para as diversas justificativas da pobreza e atraso da região.

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho. O próprio leito das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folhas empapeladas. Depois olhou um garrotinho magro que, bem pertinho, mastigava sem ânimo uma vergôntea estorricada. E ao dar as costas, rumo à casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente: - ‘ Ó sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome!’ (QUEIROZ, 2004, p. 24 – 25)

¹ Embora esta seja muito rica ecologicamente.

Rachel de Queiroz inverte esse discurso, muito usual ao tempo em que “O Quinze” foi escrito. No livro, a autora mostra que, de fato a seca traz danos, muitas vezes irreversíveis a muitos trabalhadores, e a muitas vidas, mas, as condições climáticas somente acentuam as disparidades já existentes.

Como se sabe, no Brasil as propriedades de terra concentram-se sob o domínio de pouquíssimos proprietários. No nordeste semi-árido, na época das secas mais prolongadas os pequenos produtores não são somente expropriados de suas terras, mas também explorados enquanto força de trabalho, sofrendo ainda prejuízos na produção e venda de seus produtos.

[...] Mais recentemente os grupos econômicos do Sudeste do País e os transnacionais vêm penetrando consideravelmente na região, através da implantação de projetos industriais, da construção de obras públicas de maior envergadura e, mais recentemente ainda, de grandes projetos agropecuários. Há, assim, uma tendência à substituição do latifúndio tradicional e oligárquico pelo latifúndio moderno, capitalista, preocupado em maximizar tanto os lucros de sua atividade econômica como de elevar os níveis de renda da terra. Estes latifúndios, estimulando um grande emprego de capital e uma técnica e maquinaria modernas, se apresentam como progressistas, face ao latifúndio arcaico, tradicional. Ocorre, porém, que usando máquinas e técnicas modernas, poupadoras de mão – de – obra, causam impactos sociais mais graves que os primeiros. (ANDRADE, p. 47)

A região Nordeste é claramente o melhor retrato da disparidade sócio-econômica brasileira. Uma localidade marcada por intenso crescimento econômico nos primeiros séculos da colonização foi se transformando em uma área exportadora de mão – de – obra para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, além de matérias - primas e produtos agrícolas para o exterior. Com isso, as riquezas da região foram sendo capturadas pelos latifundiários, pelas empresas nacionais e multinacionais e também pelo empresariado das regiões Sul e Sudeste. Segundo Andrade, gerou-se um fenômeno pouco compreensível a partir da retenção das divisas produzidas na região pobre através de suas exportações para financiar o desenvolvimento da região rica, no caso o Centro Sul. Rachel de Queiroz explora em “O Quinze” justamente o papel paliativo das medidas tomadas pelo Estado, desde o século XIX, mostrando as condições desumanas do

trabalho nos “Campos de Concentração” e nos locais para os quais os retirantes eram enviados como empregados. Assim, chama a atenção dos leitores, a maior parte deles paulistas e cariocas, conforme ela própria sinalizou como seu principal público, para a real condição do povo nordestino.

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios. E o almoço, ao meio – dia, onde, junto ao pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e animou. Já era tão antiga, tão bem instalada a sua fome, para fugir assim, diante do primeiro prato de feijão, da primeira lasca de carne!... E até lhe amargou o gosto daquela carne, lembrando-se de que Cordulina, a essa hora, engolia talvez um triste resto de farinha, e junto dela, devorada a magra ração, os meninos choravam...(QUEIROZ, 2004, p. 106 – 107)

A autora vai tecendo o texto de uma maneira que a imigração forçada é mostrada em toda sua extensão apresentando o medo e a indecisão, reforçando a imposição daquela partida.

Cordulina aproximou-se enxugando os olhos:

- ‘Você já sabe, Sinhá Aninha, que nós vamos todos pro São Paulo?’

Sinhá Aninha pôs as mãos, num espanto ansioso:

- ‘Meu Deus! E quando?’

- ‘Quando Chico?’

Ele custou a responder. Qualquer coisa lhe travava a garganta, penosamente.

Seria possível que fossem saudades daquela miséria, daquele horror?

E a vista interior do vaqueiro mostrou-lhe a imagem da casa abandonada, fechada e viúva, nas Aroeiras...

- ‘Quando Chico?’

- ‘Depois de amanhã... ’ (QUEIROZ, 2004, p. 117)

A migração dentro do país, de região para região, depende de fatores como a movimentação na economia, a fronteira agrícola, a disponibilidade de vagas de emprego, a possibilidade de melhores condições de vida, dentre outros fatores relevantes (GONÇALVES, A. J, 2001). O ciclo da borracha, por exemplo, se iniciou no

final do século XIX graças à procura por este produto pela indústria que crescia a todo vapor, principalmente a automobilística. Logicamente, o aumento na extração do látex e a conseqüente produção da borracha começaram a demandar cada vez mais mão – de – obra para o serviço.

Desta forma, milhares de nordestinos abandonaram suas famílias, ou as levaram, em busca de uma oportunidade de recomeçar a vida, esperançosos com o novo trabalho e com a possibilidade de adquirir um pedaço de terra na imensidão da Amazônia, esperança esta regada a muitas promessas que obviamente não seriam cumpridas.

Esta situação foi relatada na obra de Rachel de Queiroz no momento em que, desesperado, Chico Bento decide abandonar o sertão em direção ao Norte do Brasil para dedicar-se como tantos outros, à extração do látex e à produção da borracha.

[...] Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida. Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas. Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor. (QUEIROZ, 2004, p. 31)

Com toda esta mão – de – obra disponível em busca das mesmas realizações que envolviam o enriquecimento e a aquisição de terras, logo já não haveria mais trabalho para tantos trabalhadores. Some-se a isso o fato de que a produção da borracha na Amazônia após seu apogeu entre o final do século XIX e a primeira década do século XX, começou a decair. O “fim” do chamado Ciclo da Borracha simbolizou o fim das falsas esperanças para muitos nordestinos pobres. Essa desaceleração, provocada pela produção inglesa na Malásia acaba aparecendo em “O Quinze”, na angústia da família que recebe as notícias da decadência da borracha como uma grande pedra obstaculizadora da única saída possível.

Chico Bento que não tinha dúvida sobre seguir em direção ao Norte do país, ao chegar a Fortaleza e tomar melhor conhecimento da real situação dos retirantes que para lá se destinavam, foi ficando cada vez mais desanimado sem saber qual rumo tomar.

Chico Bento deixou cair os braços magros, num gesto de desânimo:

- 'Então que é que se há de fazer? A senhora bem está vendo que eu não posso ficar aqui, nesta desgraça...Serviço no Tauape quase não tem mais...Onde é que eu arranjo com que dar de comer aos filhos, se não for de esmola?'

Àquela alegação amarga e justa, Conceição calou-se; depois murmurou lentamente:

- 'Lá isso é...Mas também no Amazonas, hoje, não vale a pena...Nem ao menos borracha está dando dinheiro...E no Maranhão, pelo que dizem, é mesmo que ir buscar a morte...'

E ficaram os três indecisos, calados. Conceição atentando novamente nas pregas de sua saia, Cordulina com as mãos no regaço e os olhos baixos, Chico Bento apalpando tristemente a cara ossuda, com a vista perdida num ponto indeterminado. (QUEIROZ, 2004, p. 113 – 114)

O destino destes retirantes começou então a mudar de rota, e o Sudeste do país tornava-se um local promissor e progressista. São Paulo foi o estado que mais recebeu migrantes de todas as regiões e na maioria aqueles de origem nordestina. A variada oferta de emprego aliada à fuga da seca levou milhares de famílias a procurarem a capital paulista como destino.

Mesmo com novas oportunidades em uma região em pleno crescimento, que começou a abrigar migrantes de todas as demais regiões do Brasil, as dificuldades não desapareceriam instantaneamente, afinal, o excedente populacional acaba por reduzir as oportunidades de emprego, deixando novamente famílias inteiras à margem da sociedade, sem um mínimo de qualidade de vida, sem moradia digna, sem saneamento básico, sem direito à saúde, transporte ou educação. À medida que essa situação vai se agravando o preconceito e o desprezo vão se fazendo mais presentes nas áreas receptoras, levando a uma situação de exclusão inaceitável.

Nos anos de 1930, quando a industrialização brasileira é apenas incipiente, cabe observar como a obra de Raquel de Queiróz aqui analisada já é capaz de transmitir a idéia do incômodo da migração nordestina. Ela se constitui numa renovação do

regionalismo justamente por transmitir uma nova imagem do nordeste ao destacar o “verdadeiro” espírito do sertanejo, aos poucos retratado no texto, conforme será aqui analisado mais à frente. É assim, que o novo cenário da vida de Chico Bento e sua família, o Sudeste, vai ser apresentado ao leitor a partir dos sentimentos mais fundos da própria família imigrante.

Subitamente, Conceição teve uma idéia:

- *‘Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom...Trabalho por toda a parte, clima sadio...Podem até enriquecer...’*

O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:

- *‘É...Pode ser...Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. O que eu quero é arribar. Pro Norte ou pro Sul...’*

Timidamente, Cordulina perguntou:

- *‘E é muito longe, o São Paulo? Mais longe do que o Amazonas?’*

- *‘Quase a mesma coisa. E lá não tem, sezão, nem boto, nem jacaré...É uma terra rica, sadia...’*

Chico Bento ajuntou:

- *‘Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro...’*

Conceição levantou-se, rebatendo o vestido:

- *‘Pois então está dito: São Paulo! Vou tratar de obter as passagens. Quero ver se daqui a alguns anos voltam ricos...’ (QUEIROZ, 2004, p. 114 – 115)*

A saga da família de Chico Bento é a saga de todas as famílias imigrantes, que encontram no deslocamento para o Sul, a única saída para a situação de penúria em que viviam no sertão nordestino. A dor por deixar parentes, amigos, pessoas queridas e conquistadas ao longo de uma vida inteira é perceptível através das palavras de Rachel de Queiroz no momento da despedida entre a família, que no momento da partida possui alguns membros a menos devido às dificuldades enfrentadas por todos, e Conceição, que tanto lhes auxiliou no período em que estiveram no “campo de concentração”.

Lá de cima, a moça os ficou vendo ir, novamente agarrados, sempre fitando o mar, com os mesmos olhos de ansiedade e de assombro. Iam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos... Iam para o destino, que os chamara de tão

longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno...O bote já era um pequeno ponto, uma verruga negra aderida ao navio. Conceição lentamente deu as costas, e enxugou os olhos molhados no lenço com que acenara para o mar. (QUEIROZ, 2004, p. 120)

Com esta cena, a autora buscou salientar os valores mais profundos da amizade que pouco a pouco, na história narrada, foi construída sob alicerces de confiança e compaixão, entre uma moça que teve boas oportunidades na vida e uma família que perdeu o pouco que tinha, buscando outros meios para recomeçar.

Como eles, houve milhares que deixaram para trás uma vida que possivelmente foi marcada por dificuldades e sofrimento. Chico Bento se mostra até o fim um homem forte, esperançoso, destemido e determinado a enfrentar o que a vida lhe colocar no caminho.

Chico Bento fitava o navio, escuro e enorme, com sua bandeira verde de bom agouro, tremulando ao vento do Nordeste, o eterno sopro da seca. Sentia com que um imã o atraindo para aquele destino aventuroso, correndo para outras terras, sobre as costas movediças do mar...(QUEIROZ, 2004, p. 119)

Toda a garra presente nos personagens, mantida durante a obra, mesmo em momentos de extrema dor que fariam pessoas mais frágeis desistirem da batalha, reflete o desejo de seguir em frente, de deixar para trás os obstáculos e começar vida nova. Rachel de Queiroz ofereceu aos personagens a força necessária para seguir em frente, mesmo que o futuro não seja tão promissor quanto os sonhos desejariam. A partir da leitura de “O Quinze”, sensibiliza-se para a realidade social nordestina, em que a mudança na vida da família de Chico Bento e de tantos outros retirantes nordestinos foi forçada por uma elite que capturou a terra, a água e que elegeu a seca a responsável pelos males da região.

A identidade regional nordestina

No ano de 1930, quando Rachel de Queiroz escreveu “O Quinze”, a cultura, a arte, a literatura brasileira vinham passando por transformações consideráveis. Até então (início do século XX), a formação nacional brasileira baseava-se em um discurso nacionalista ao extremo e valorizava-se excessivamente a natureza. O romantismo esteve presente nas obras literárias e nas diversas formas de expressão artística, como por exemplo, nas produções de José de Alencar e dos autores românticos em geral que buscavam construir a natureza de maneira exuberante e maravilhosa.

Em “O Quinze”, percebe-se um regionalismo que busca desvendar o sertão e seu povo, revelando-os aos demais brasileiros que desconhecem a realidade sertaneja. Rachel de Queiroz preocupou-se em mostrar o homem até então desconhecido, em suas qualidades, grandiosidades e também fraquezas, fazendo com que o interior esquecido ou desconhecido fosse revelado à chamada “civilização”, vivida pelos habitantes do litoral e do Sul progressista. O que não era possível observar em obras de caráter romântico.

O modernismo é marcado por uma visão da realidade que deve ser exibida e refletida enquanto uma condição real vivida por um povo, no caso de Rachel de Queiroz, o sertanejo. As obras modernistas conseguiram romper com a artificialidade presente nos escritores românticos. Com o sertão apresentado como uma realidade que deve ser reconhecida pelo povo brasileiro procura-se construir a partir daí, uma identidade nacional que seja mais abrangente e menos ignorante no que diz respeito às diversidades do país e do povo.

Com o modernismo inserido na literatura, percebe-se também na obra de Rachel de Queiroz que o regionalismo que apresentava o homem como ser vivente em função da natureza e que possuía sua vida totalmente determinada pela mesma, foi sendo deixado para trás. Em “O Quinze”, vê-se uma problematização do sertão, que apesar de mostrar a hostilidade da paisagem como fator que causa sofrimento aos seus habitantes, também os liga por laços de afeto com o lugar, além disso, provoca o leitor levando-o a refletir sobre as estruturas sociais presentes e a influência da política na região.

Rachel de Queiroz apresenta o sertão como um local que provoca saudade naqueles que o deixaram, apesar das dificuldades do dia-a-dia. Contudo, vê-se também, uma região miserável devido às condições climáticas, mas, sobretudo, devido ao latifúndio e ao coronelismo. Características claras da realidade que deve ser explorada na literatura modernista, com total ausência do embelezamento exagerado utilizado pelos românticos.

Desde as primeiras chuvas, dona Inácia iniciou seus preparativos de viagem. Desejava ir embora o mais depressa possível. Enfim! Voltava ao Logradouro, ao seu alpendre, à sua almofada, à queijaria! (QUEIROZ, 2004, p. 144)

E ainda:

E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando. O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança. Mas a triste realidade duramente ainda recordava a seca. (QUEIROZ, 2004, p. 151 – 152)

Com todas as descrições quase palpáveis, com a realidade expressada de maneira clara e simples, Rachel de Queiroz buscou atingir além daqueles que viviam e conheciam a realidade do sertão, também aqueles que não se encontravam na condição de sertanejo e desconheciam completamente as dificuldades enfrentadas por este povo. A autora buscou relatar um lugar distante, um espaço que não pertence à maioria dos brasileiros, que se localiza fora da compreensão dos que vivem além da condição de sertanejo.

A localização sertaneja não se refere a um espaço imediato de vivência, a um lugar familiar e sempre visitado, ao contrário, qualifica localidades tidas como fora dos circuitos cotidianos. (MORAES, 2002 – 2003, p. 17)

O sertão na literatura modernista começou então, a atrair olhares, levantar discussões e revelar realidades. Criou-se um imaginário de um local ligado à colonização, à expansão e à oposição entre desenvolvimento e atraso, expressa pela oposição entre sertão e litoral. O sertão explorado, pouco conhecido, que ali está para ser desvendado, faz com que os que o vêem exteriormente criem uma imagem de lugar distante e isolado. E esta localidade começou a ser vista como um espaço ocupado por povos diferentes, exóticos, culturalmente ou racialmente distintos. Seus habitantes, ainda são definidos como arcaicos dotados ou não de alguma positividade. (MORAES, 2002 – 2003).

O sertão aparece ainda como um lugar onde predomina o ritmo dado pela dinâmica da natureza, onde o homem é submetido ao natural. E Rachel de Queiroz soube expressar claramente a impotência humana diante dos desígnios do meio natural,

agravados pela injustiça e pela miséria do sertanejo. Chico Bento, por exemplo, não teve alternativa senão soltar o gado da fazenda onde trabalhava para morrer ao relento e deixar o sertão com sua família quando a seca já castigava o lugar.

O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida. (QUEIROZ, 2004, p. 24)

Ressaltando que, Chico Bento e sua família eram apenas empregados da fazenda e não possuíam terras ou bens que lhes prendessem ao sertão. Contudo, os grandes proprietários, como Dona Inácia, ao deixarem o sertão durante o período de seca, acabam por retornar assim que a chuva (ou inverno) chega. Com isso, latifundiários como Dona Inácia, tornam-se migrantes pendulares, que retornam à sua terra natal. Já Chico Bento e sua família, são de fato migrantes retirantes, que se mudam definitivamente.

Como se vê, o nordestino seja latifundiário ou empregado, possuindo posses ou não, torna-se um sujeito que acaba fugindo da seca da maneira que pode, mesmo que isso signifique não retornar jamais para sua terra natal. Segundo Neto (1997), assim como os judeus, os nordestinos são, por natureza, migrantes que, mesmo não tendo vivido os horrores da guerra, vivem o “genocídio da seca”. E a estes nordestinos a quem resta somente a fuga, fazem da partida a única e triste busca por uma nova vida, mesmo que o futuro não lhes reserve algo tão promissor. Assim como acontece no poema “A Triste Partida” de Patativa do Assaré, a ida para São Paulo assemelha-se ao provável destino de Chico Bento: tornar-se mais um migrante em meio a uma multidão que muito espera do futuro e pouco receberá neste novo destino.

Em suma, o pobre proletariza-se, metamorfoseia-se em mercadoria circulante, mão - de - obra vendável, com destino já traçado, no caso: São Paulo. (NETO, 1997, p. 45)

O sertão torna-se então, não apenas um lugar, mas uma condição. Não apenas uma materialidade terrestre, mas uma realidade simbólica. E a partir desta condição sertaneja, percebe-se que o sertão é qualificado para ser superado, sendo que toda esta

diferença, peculiaridade, exotismo característico do sertão e do sertanejo, supera a paisagem e torna-se, sobretudo, cultural (MORAES, 2002 – 2003).

O Brasil sendo um país de proporções continentais possui costumes, tradições e culturas diferenciadas, que certamente, nem sempre foram ou são aceitas com facilidade. A cultura, segundo Bosi (1992) é uma herança de valores ou de objetos e, além disso, a sociedade está cercada por culturas variadas, sejam elas cultura de massa, erudita, ou popular. A cultura popular implica em modos de viver e é justamente o popular, o cotidiano, a representatividade local por meio de tradições e costumes que fez com que surgisse, na literatura brasileira, o interesse pelo selvagem, pelo negro e pelo sertanejo.

Nesse sentido, autores de obras com caráter regionalista, como Mário de Andrade autor de Macunaíma, Guimarães Rosa autor de “Grande Sertão Veredas”, “João Cabral de Melo Neto” autor de Morte e Vida Severina e a própria Rachel de Queiroz com “O Quinze”, atravessam barreiras ideológicas e psicológicas deixando-se conhecer a cultura popular ao produzirem suas obras. Segundo Bosi (1992) a quebra destas barreiras deveria ser efetivada por todos que desconhecem a condição do popular em nosso país, afinal, são obras extremamente importantes que abrem caminho para reflexões novas e produtivas.

Os intelectuais puramente acadêmicos assim como os profissionais tecnicistas estão, em geral, satisfeitos com suas conquistas. (...) Por isso, podem passar a vida sem conhecer a cultura popular (...) além do mais, pela própria barreira de classe ou de cor. Quando muito, vindo-a transportada para a televisão, ou no intervalo de suas excursões turísticas, recebem uma imagem que (...) só acentua o desprezo ou a pena pelo atraso do povo brasileiro (BOSI, 1992, p. 334 – 335).

Em “O Quinze” há momentos ou passagens muito explícitas no sentido de compor a identidade regional nordestina. Gostaríamos de destacar algumas.

Religiosidade

As manifestações religiosas estão presentes em todas as culturas, cada qual com seus rituais, suas crenças, sua fé própria. No sertão nordestino não é diferente. E já no início da obra de Rachel de Queiroz é possível perceber como a fé está presente no dia-a-dia do sertanejo.

Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu:

“Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.”

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:

- E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês...

Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

- Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (Queiroz, 2004, p. 11)

Neste caso, a fé de Dona Inácia manifestou-se no momento em que a falta de chuva trouxe preocupação e já mostrava suas primeiras conseqüências. Durante toda a obra, podem ser percebidas estas manifestações religiosas por parte de Dona Inácia.

Enfim caiu a primeira chuva de dezembro. Dona Inácia, agarrada ao rosário, de mãos postas, suplicava a todos os santos que aquilo fosse um “bom começo”. (QUEIROZ, 2004, p. 139)

Mas, nem somente da avó de Conceição partem as orações, agradecimentos e pedidos. Quando se trata de orar para que a chuva venha minimizar os castigos sobre o sertão, a fé se manifesta em outros personagens durante o livro.

Só a Maria, a preta velha da cozinha, irrompeu pelo corredor, acocorou-se a um canto e engulhando lágrimas e mastigando rezas, resmungava:

- O inverno! Senhor São José, o inverno! Benza-o Deus! (QUEIROZ, 2004, p. 139)

Como se pode observar, a religião é responsável também por caracterizar o sertanejo, oferecendo-lhe uma identidade própria, uma cultura particular. Provavelmente, o apoio encontrado na fé, é justificado pela ausência de base técnica e científica tanto no sertão, quanto em demais localidades do território brasileiro, devido ao pouco desenvolvimento da época e ao pouco conhecimento do que já havia sido desenvolvido pela ciência.

A mulher na sociedade

No final do século XIX e início do século XX, o movimento feminista já tinha feito suas primeiras manifestações. Tanto que, em “O Quinze”, Rachel de Queiroz procurou manifestar a sonhada igualdade feminina, representando-a na obra através de Conceição.

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As duas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...

- Esta menina tem umas idéias! (QUEIROZ, 2004, p. 14)

Na época, a mulher estava completamente submetida às regras impostas pela sociedade. O casamento era uma obrigação que não permitia a liberdade de maneira alguma. E, a mulher deveria viver submissa às vontades do marido. Conceição, ao contrário, via-se numa posição diferenciada e talvez por ser professora, instruída, não quisesse para seu futuro o que todos diziam ser uma convenção da sociedade. Sua avó, certamente representa toda esta sociedade tradicional e machista, pois vê a neta como uma mulher que não se preocupa em cumprir com seus “deveres”.

Estaria a com razão a avó? Porque de fato, Conceição talvez tivesse umas idéias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes acontecia de citar o Nordau ou o Renan da biblioteca de seu avô. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais idéias, estranhas e absurdas à avó. Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para o seu uso idéias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa. (QUEIROZ, 2004, p. 14)

Conceição representava a mulher que buscava transformar-se perante a sociedade, que buscava ser respeitada e ouvida. E esta luta, como se pode observar na citação, muitas vezes era particular, individual, interna. E como era de se esperar, tais transformações eram constantemente negadas pela tradição e pelo machismo da sociedade patriarcal nordestina do tempo descrito. Mais uma vez, Rachel de Queiroz procurou destacar em seus personagens características típicas do sertanejo e também da sociedade da época.

Homem cordial

A cordialidade do sertanejo, sua bondade natural e seus bons princípios, vêm em “O Quinze”, bem representadas por Chico Bento. O personagem é “piedoso”, “caridoso”, “prestativo”, “sincero”, “bondoso” e, acima de tudo, “correto”. Apesar de todas as dificuldades que enfrentou durante a seca de 1915 e provavelmente durante toda sua vida, não foi possível que estas qualidades se perdessem ao longo de sua caminhada. Um momento marcante no livro é o trecho em que mesmo com pouca comida para si e sua família, Chico Bento é capaz de repartir o alimento com outros retirantes famintos. Ele realiza esse gesto sem se preocupar consigo e sem demonstrar egoísmo.

E o bode sumiu-se todo...

Cordulina assustou-se:

- Chico, que é que se come amanhã?

A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou:

- Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não havera de deixar esses desgraçados roerem osso podre... (QUERIOZ, 2004, p. 45)

Assim, relatando toda a cordialidade e simplicidade do sertanejo, Rachel de Queiroz é capaz de novamente moldar a identidade regional nordestina.

Diferença racial

Outra questão que deve ser apresentada é a importância que se dá na obra às diferenças raciais entre os personagens. É muito forte na obra o preconceito e a discriminação racial. Percebe-se claramente este fato, no momento em que Conceição entende que Vicente mantém um caso com uma de suas empregadas e compartilha sua decepção com a avó.

- Tolice, não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?

Dona Inácia sorriu, conciliadora:

- Mas minha filha, isso acontece com todos...

Homem branco, no sertão – sempre saem com essas histórias...

Além disso não é uma negra; é uma caboclinha clara...(QUEIROZ, 2004, p. 66)

Outro momento que permite destacar o preconceito racial presente na trama social tratada pelo livro acontece quando Conceição vai despedir-se de Chico Bento e de sua família no dia em que embarcaram para São Paulo.

Um negro dos guindastes, que fumava ao sol, com gotas de suor aljofrando-lhe a testa preta e brilhante, olhou-a admirado, abanando a cabeça:

- Tem gente pra tudo, neste mundo! Uma moça branca, tão bem pronta, chorar mode retirante! (QUEIROZ, 2004, p.120)

Como se vê, havia uma demarcada diferença racial que era predominante na sociedade da época, delineando novamente, os contornos da identidade do sertanejo.

Considerações Finais

A literatura desempenha junto a todas as sociedades humanas cultas um papel essencial no sentido de construir seus valores mais sublimes. No que diz respeito à Geografia cabe destacar o seu papel central na construção ou elaboração do pensamento geográfico. Assumindo que o espaço geográfico é ele mesmo um discurso que manifesta as escolhas feitas pela sociedade em um dado tempo e em um dado espaço, o pensamento geográfico é aqui, nesse mesmo sentido, entendido também como um conjunto discursivo.

Com Moraes podemos dizer que:

Por pensamento geográfico entende-se um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca de seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo (MORAES, 2005, p.32)

Resgatar da literatura essas concepções que vão substantivando o espaço é de fato um desafio que exige a compreensão do discurso enquanto fenômeno mediado a partir do real. A cada discurso correspondem certas visões de mundo conforme proposto

por Lucien Goldmann (1967) e assim, resgatar uma certa concepção ou um certo pensamento sobre o espaço, implica em compreender que os discursos expressam posições sociais. Portanto, não se quer apreender o real diretamente, mas sim a tensão presente no contexto específico em que a obra foi elaborada: resgatar o campo de idéias e das opções possíveis que se colocavam naquele momento para os problemas concretos enfrentados.

Nem de longe Raquel de Queiroz toca nos institutos criados pelo governo para “corrigir” os efeitos da seca. A autora apenas menciona os “Campos de Concentração” a partir do olhar dos indivíduos comuns da comunidade escancarando seus sentimentos mais profundos, suas dores mais contundentes. Porém ao fazer esse exercício, sua literatura atingiu o ponto mais alto esperado pela arte, a comoção. Numa sociedade extremamente marcada pelo autoritarismo e pelo conservadorismo camuflado nas suas propostas modernizantes, o discurso veiculado pela autora apresenta as mazelas do migrante nordestino sob um olhar inusitado: ele é um expulso da terra pela estrutura fundiária.

Assim Raquel de Queiroz, com “O Quinze”, em meio a todo o movimento modernista, mais especificamente através de uma literatura regionalista, promove uma sensibilização para a causa nordestina. Ou seja, propõe, sem o dizer diretamente, o rompimento com a ignorância dos fatos que envolviam o deslocamento migratório que ali nos anos de 1930 começam a se configurar.

Promove, além disso, uma denúncia contra o Estado que, preocupado que estava em atender as demandas das oligarquias locais, vai deixando de lado as reais necessidades da população mais afetada pelo fenômeno da seca. Os pequenos proprietários e os trabalhadores da terra vão sendo mostrados, em “O Quinze”, na sua dinâmica cotidiana e, através desse recurso estilístico, a autora vai mostrando aos homens leitores de sua obra o que somente os estudos sociológicos, econômicos mais profundos poderão mostrar. Veja-se esta passagem de Francisco de Oliveira, um dos maiores estudiosos da questão regional nordestina a partir da SUDENE:

[...] A ação do DNOCS revestiu, nas secas ou nas “emergências”, como são denominadas as épocas em que a intensidade da irregularidade se agravava, formas típicas de uma acumulação primitiva. Recrutava-se a mão – de – obra desocupada pela estiagem, apenas depois que os magros recursos de pequenos sitiantes, meeiros, parceiros, haviam-se esgotado em duas ou três sementeiras, à espera das chuvas, e

empregava-se na construção das barragens e das estradas; o pagamento dessa mão – de – obra dava-se, na maioria das vezes, sob a forma de espécie, isto é, fornecendo-se os alimentos – farinha, feijão e a indefectível carne – seca, esta nem sempre presente; os resultados desse trabalho concretizavam-se nas barragens feitas nas propriedades dos grandes fazendeiros e nas estradas, às vezes estradas privadas no interior dos grandes latifúndios. Utilizava-se também essa mão – de – obra na construção das grandes barragens, mas alguns estudiosos críticos dos próprios quadros do DNOCS chegaram a calcular que, se essa mão – de – obra, em todas as secas de que há memória no Nordeste desde a criação da IFOCS, tivesse sido utilizada na construção das barragens públicas, a grande maioria delas estaria construída há muito tempo. Tal acumulação primitiva utilizava os recursos do Estado para a implantação de benfeitorias nas grandes propriedades, e sua forma de financiamento chegou a constituir-se em outro pilar da força e do poder político dos “coronéis”, da oligarquia algodoeira – pecuária. Chegando quase sempre atrasados os recursos fiscais que a União deveria fornecer para as “emergências”, o DNOCS utilizava o crédito junto aos grandes fazendeiros e comerciantes do Nordeste semi – árido, quase sempre as duas formas do capital reunidas numa só pessoa, personae dessa forma de reprodução, para adiantamentos. O dinheiro passava imediatamente, com a chegada dos recursos às mãos desses fornecedores. Não é preciso nenhuma imaginação, antes é ela desnecessária porque mais fraca que a realidade, para adivinhar que os preços dos mantimentos fornecidos ao DNOCS para essas frentes de trabalho eram na verdade uma outra forma dos “preços na folha”: mais altos que os preços que se poderia conseguir mediante uma estrutura de compras diretas do DNOCS nas outras zonas produtoras do país. Uma estrutura de enriquecimento que a literatura de oposição à oligarquia algodoeira – pecuária chamava de ilícita. As “emergências” criaram outra forma de enriquecimento e de reforço da oligarquia: não apenas os eleitores reais dos “coronéis” tinham prioridade para engajamento nas frentes de trabalho, como os eleitores – trabalhadores – fantasmas pululavam. Obras – fantasmas e

trabalhadores, “cassacos” – fantasmas, povoavam as frentes de trabalho das secas. (OLIVEIRA, 1981, p. 54 – 55)

“O Quinze” revela através do linguajar do homem comum ou do sertanejo toda essa dinâmica da economia, da sociologia e da economia nordestina. Oferece, a partir dessa literatura, elementos para a compreensão dos fenômenos descritos pelo sociólogo. Raquel de Queiróz não tinha intenção, ao escrever, que seu livro atingisse como atingiu os leitores de Rio de Janeiro e São Paulo, pelo menos é o que transparece de seus depoimentos pessoais acerca da publicação do livro². No entanto, levanta, a partir dessa publicação, ao lado de outros escritores, muitos deles regionalistas nordestinos, uma possibilidade nova de entender o quadro regional brasileiro, sensibilizando os leitores para aquela realidade deslocada de seus focos principais de atenção. Não se trata de estudo científico, não se trata de atitude intencional, mas se trata da proposição de uma imagem, de um pensamento possível acerca do espaço.

Cabe discutir que eficácia teve esse discurso; que desdobramentos teve esse imaginário proposto sobre a formação nacional e territorial brasileira desde então. Esforço que não se esgota neste texto, nem mesmo nesta pesquisa, mas que se procura, em parte, deslindar e, ao mesmo tempo, sinalizar outras possibilidades de compreensão.

Referências

ANDRADE, M. C. A Questão Regional: o caso do Nordeste brasileiro. In: **A Questão Nordeste**. P. 41 – 54.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GONÇALVES, A. J. Migrações Internas: evoluções e desafios. In: **Estudos Avançados**, 2001.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**. Anos III-IV, N. 4 e 5 – Território, 2002-2003 Rio de Janeiro, RJ.

NETO, M. F. de S. **Alma e Gesto: Escritos Geográficos**. Paraíba: Grupo de Estudo de História do Pensamento Geográfico, 1997.

² Veja-se neste mesmo texto as referências à publicação da obra em Fortaleza e sua posterior inserção nos meios intelectuais do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, F. de. **Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

QUEIROZ, R. de. **O Quinze.** 77ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M. L. de. **Tantos anos.** São Paulo: Siciliano, 1998.

SÁ, Xico. Ceará: nos campos da seca. **Aventuras na História,** 2009. Disponível em <http://historia.abril.com.br/cotidiano/ceara-campos-seca-434018.shtml> Acesso em 20 mai. 2009.

SOUSA, Rainer. Ciclo da Borracha. **Brasil escola,** 2009. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historiab/ciclo-borracha.htm> Acesso em 25 jun. 2009.

SILVA, A. G. da (Patativa do Assaré). **Cante Lá Que Eu Canto Cá.** Petrópolis: Vozes, 1984. 355p.